

Brasília viveu dia calmo

por Severino Góes
de Brasília 309

O espocar de foguetes, seguido de cinco audições do instigante samba "Vai Passar", de Chico Buarque, acordou às 6 horas de ontem os habitantes da Asa Norte de Brasília. No outro extremo do Plano Piloto, na Asa Sul, os moradores da capital ouviam idênticos preparativos para o dia mais importante que Brasília viveu nos seus quase 25 anos: a eleição do Colégio Eleitoral que deu a vitória a Tancredo Neves e virou uma página recente da História.

Apesar de tudo, Brasília viveu um dia calmo. A meteorologia previu e acertou: choveu praticamente toda a manhã, com pequenos intervalos de bom tempo. No final da sessão, por volta das 12h30, os cerca de cinco mil brasilienses que se dispuseram a ir até a frente do Congresso Nacional foram surpreendidos com uma forte chuva. Mas não houve dúvidas: parte dos manifestantes abrigou-se debaixo de uma enorme bandeira nacional de 250 metros quadrados que enfeitava os gramados do Congresso. A população, porém, saiu frustrada por não ter visto de perto o presidente eleito, como fora prometido por sua assessoria.

O movimento em frente ao Congresso Nacional começou cedo. Por volta das

8h30 chegava ao local, já debaixo de chuva, um ruído grupo de manifestantes portando bandeiras do proscrito MR-8, aglomerando-se em frente à portaria do Congresso Nacional, que dá acesso ao salão negro, onde mais tarde o presidente eleito e seu vice receberam os cumprimentos de eleitores e empresários. Antes de começar a sessão do Colégio Eleitoral, os brasilienses, impedidos de entrar no Congresso, batiam nas vidraças e gritavam palavras de ordem. "O povo unido, jamais será vencido" era a mais ouvida.

Um pequeno intervalo de bom tempo e a manifestação voltou para o gramado onde se sucediam apresentações de bumba-meu-boi, a cargo de um grupo maranhense, e de teatro de marionetes. Mas o deputado Paulo Maluf, candidato derrotado, não foi poupado mais uma vez. Praticamente todo seu discurso, encaminhando a votação, foi acompanhado de gritos e vaias dos manifestantes, que escutavam a sessão através de três potentes alto-falantes, instalados do lado de fora do prédio.

NAS FAIXAS, REIVINDICAÇÕES

As faixas portadas pelo povo davam uma idéia da expectativa em torno do futuro governo. Umas pediam a legalização do PCB e do PC do B, outras pe-

diam: "Pelo direito de greve", "Pela representação política para o DF", "Pela reforma agrária", "Basta de desemprego". A manifestação atingiu o ponto máximo quando o deputado João Cunha (PMDB-SP) proferiu o voto de número 344, que consolidava a vitória da Aliança Democrática. A expectativa da proclamação do voto fatal levou o povo a cantar "Tá chegando a hora", seguido do Hino Nacional.

A manifestação praticamente se concentrou em frente ao prédio do Congresso. Mas Brasília parou durante toda a manhã para

assistir pela TV à sessão do Colégio Eleitoral. Os ministérios funcionavam aparentemente em expediente normal, e somente o Ministério da Justiça resolveu dispensar os funcionários. Nos outros pontos da cidade, as manifestações eram tímidas: papéis picados jogado do alto dos prédios no Setor Comercial Sul e da sede da Caixa Econômica Federal, além de comemorações que começaram mais para o final da tarde em redutos tradicionais da boêmia brasiliense, como os bares Moinho, Beirute e Rick's.

A própria sessão do Colégio Eleitoral transcorreu calmamente. Só o presidente eleito Tancredo Neves passou por maus momentos quando se deslocava pelos corredores em direção ao plenário, seguido por um batalhão de cinegrafistas que quase o impediam de caminhar. Além disso, quando discursava no plenário da Câmara, quase foi atacado pelo português José Alves de Moura, o conhecido "beijoqueiro", que dizia ter deixado o hospital psiquiátrico na noite de segunda-feira, no Rio, a tempo de vir a Brasília para beijar o novo presidente. Não conseguiu: foi contido a apenas um metro de distância pela segurança do Congresso que servia a Tancredo. "Mas vou pedir uma audiência de cinco minutos para beijá-lo", prometia o "beijoqueiro".

Também na área militar tudo transcorreu em ordem, segundo informou um porta-voz do Comando Militar do Planalto ao repórter Márcio Chaer. "A reunião do Colégio Eleitoral não alterou a rotina das unidades aquarteladas em Brasília e no resto do País", afirmou o porta-voz. Também de rotina foi o expediente da Polícia Militar do DF.